

Às Vezes Vida



Eugénio Outeiro

Esta edição digital de

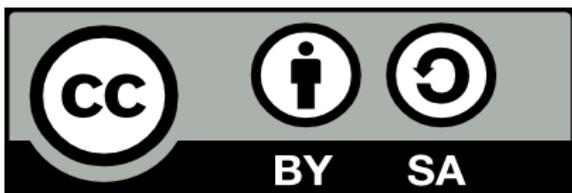
Às Vezes Vida

É reponsabilidade exclusiva do seu autor

Eugénio Outeiro

e sai à luz no verão de 2012 para ser compartilhada no seu blogue pessoal **Intra!** (<http://intra.agal-gz.org>)

A versão original foi publicada pelo Ateneo de Pontevedra na primavera de 2002, com ilustrações de Elke Arfsen.



Atribuição — Tem de fazer a atribuição do trabalho, da maneira estabelecida pelo titular originário ou licenciante (mas sem sugerir que este o apoia, ou que subscreve o seu uso do trabalho).

Compartilha Igual — Se alterar ou transformar este trabalho, ou criar um trabalho baseado neste trabalho, só pode distribuir o trabalho resultante licenciando-o com a mesma licença ou com uma licença semelhante a esta.

Às Vezes Vida

Entro no quarto escuro. Sobre a mesa
há rosas carregadas de arrecendos.
Na parede há umha olhada: dou um passo,
deixo a pegada sobre o chão profunda
e perdo um pé no barro: tenho medo.

Porém a mesa canta um som de vidro,
como de sinos finos contra a chuva.
Ouço-a vibrar no tempo: dou um passo,
ponho a cabeça sob os pés e apalpo
vazio atrás dos olhos: tenho medo.

De facto, sinto aranhas no meu corpo
percorrendo em silêncio corredores.
Som como borboletas: dou um passo,
apanho as rosas, dou-lhes um sentido,
respiro um ar de lume: tenho medo.

Mas chega o mar num sonho, com palavras
cheias de espuma e rochas, perfumando.
Agarro-me às marés e: dou um passo,
desloco-me arroupado pelas ondas
e entro no quarto escuro: tenho medo.

A Teoria

O que se passa é que dá igual
a nota que toques
enquanto os acordes sejam alaridos
ou garfos contra os pratos.

Há que afinar as cordas
do subconsciente.
Há que temperar o som dos ecos
da corda contra a chuva
porque neles é que existe a melodia.

Há que limpar os sinos do cristal
atrás do visível.
Procurar, atrás dos livros,
o passadiço.

Lá para fora, o vento
zoa violento e adentra-se nas pedras,
deita umha rocha para lá
sem removê-la.

Cá para fora, o vento
zoa violento leva-me com ela:
separa-me daquilo que fui quando
meu corpo era um depósito de terra.

Dentro do home, o vento
a alimentar-lhe sempre umha fogueira.

Podo falar com as palavras
e despregar ideias
como lençóis recém lavados.

Podo recomeçar a construir-me
palavra por palavra,
pedra a pedra,
fazendo e desfazendo as estruturas
do meu pensamento.

Podo abrir umha fossa para enterrar os medos.
Podo
até fazer a paz entre os objectos.

Porém, de nada serve:
nom tenho amor.
Nom tenho *amor*,
palavra
que *nada* significa.

Dar testemunho de que nada existe,
apenas umha força cega a atravessar as cousas,
iluminando.

Nada saber do indício da verdade:

o tempo já passou

-que nom existe-

para abraçar o goze dos sentidos.

O tempo já passou

para ficar parado

na mortificação do corpo

-que nom existe-

do desejar.

Nom desejar.

E espaço.

Saltar ao vazio.
Deixar atrás as mãos, os pés, as unhas,
as palavras e as pedras de consciência.
Abandonar-se ao salto. Ser
engolido pelo ar
selvagem
abrindo as portas da distância.
Sal-
tar
para que se encha o coração de olhos,
labirintos,
e ver dançar aranhas nas artérias.
Sentir no ouvido a música do mundo e
passar página.

A Prática

*As escadas do amor tenham um degrau partido:
nom se pode ascender sem dar um salto.*

Umha nuvem apenas
de fumo cinzento nas narinas,
um chapéu de pedra
imóvel sobre o cérebro,
umha maré o mundo contra as rochas;
foi difícil manter-se vertical
e agora
apenas sei que o ar
entra também polo meu corpo
como umha alva clara.

Para voltar,
cruzar as pernas,
a dor intensa que se apaga em névoa,
umha respiraçom
igual que as asas de umha borboleta,
apenas umha recta que se oscila
y se torna pulmom -
pulmom aberto.

Desertos nas narinas
lembram o som do mar na caracola,
desenvolvendo o alento num só intre,
fazendo dele vida,
como se do grito de um pássaro
nacessem penas.

Há nódoas de tinta nos meu dedos,
tenho umha pena imensa nos meus dedos
que escreve estas palavras
no coração. Respiro
apenas
água de pensamentos,
sangue. Vejo
um vazío infinito baixo as cousas.
Desço as escadas evolutivas.
Para onde?

Deixar as maos pousada para cima
quase como que mortas.

Fechar os olhos – respirar –
e umha maré a me tornar narina,
caracola.

Assim,
esperar que acorde o farol
o seu olhar de cíclico.

E ver.

Deixar que entrem os ratos
pelo poros,
as sanguessugas pela pele adentro;
que venham vaziar

os intestinos,
morder na névoa.

Deixar que venham comungar,
e logo
que vão pela respiração
ao nada.

Dei voltas com o pensamento
desesperadamente num carrossel.
Passei tempo no inferno de Naraka.
Do centro
para fora,
e vice-versa,
abriu-se um caminho luminoso
que partiu o círculo.
Zazen.

A Realizaçom

No meu quarto vazio

eu aguardei esperta

cheia de ausências

borboleta que joga

eu pus a pétalas da rosa

eu aguardei esperta

no meu quarto vazio

preparei o leito

preparei o lume

cheia de ausências

eu pus as pétalas da rosa

borboleta que joga

ILUMINEI O QUARTO COM ESPERAS

Nem um vento atravessou
a consciência.
Só havia o alento
apenas,
ressoando em cavidades desconhecidas.
Nom era como nada.
Era.

O coração
é umha aranha de cristal
partida
que deixa escorrer bágoas, borboletas
a pousar-se nas maos
dos inimigos

As maos
som precipícios,
abismos
como ecos que retumbam
mais além da palavra.

A palavra
é um animal selvagem
que transpira
segundos que se vam
queimando.

Queimando é nome de mulher.

Caiu, caiu
Babilónia, a Grande.
Fiquei só nestas alturas
sem contraponto
para criar a melodia.
Que foi do ritmo?
Apenas a prosa de um assobio
reconstrui, reconstrui
a sinfonia

As minhas maos som um abismo aberto
em que deixo cair toda a beleza.
Se apanho a flor,
ato-lhe um medo e deixo que se perda
na escuridade,
na vertigem que ladra.
As minhas maos som armas contra a vida.
Se por acaso a borboleta
se vem pousar na palma da mirada,
a minha mao, o vendaval de noite,
chega arrastando as cinzas dalgum tédio,
as areias de sal
de um mar de dúvidas aborrecido.
Estas maos, estas classes de palavras,
contenhem, porém, a porta para a alma.
Detrás,
um labirinto verde,
com paredes confusas como o amor
em chamas.

Que é isto que se fez do meu silêncio?
Donde chegam
a desordem do trânsito cinzento,
os lentos
gumes de faca sobre a pele, o nojo,
este marasma de ereções intensas?
Por que porta
recôndita do espírito chegaram?
Na abertura
de mina de carbom diamante?
Nas produçom dos versos cristalinos?
Quiçá na noite
de pétalas impressas pola luz da carne?
Talvez pola alma aberta
quando saí à procura de respostas?
Mas as perguntas?
Como chegaram dentro estas perguntas?

Às vezes os segundos passam
e percebes
que som como gaiolas ou cidades
apresando lilases ou gafanhotos.
Parece às vezes que te comem:
passas dias
num esfregar de pedra
contra pedra,
horas como esfregons de ferro,
tempo
como carros passando pola estrada.
Mas às vezes podes
abrir portas. Deixar que entre o ar
como um suspiro,
batendo nas janelas.
Nesses dias
os lilases nascem como de água
suspendendo cada pétala na chuva.
Às vezes, como borboletas,
venhem no vento, ou como borbulhas,
estouram ao tocar-te apenas.
Às vezes... mas às vezes...
Às vezes é deixar que venham,
isso é tudo.

O Medo

Senti o calor no cérebro
como se as pétalas do amor quebrassem
e do seu corpo um barro me nascesse.
Era como umha fonte
de espesso pensamento,
era como um martelo aporrinhando
nos espaços servagens,
como umha maçadura que me estalhasse as veias,
e fosse truncando, travando
o curso dalgum rio mais profundo.
O sangue
perdeu a sua cor por acender-se
e primou o calor do bafo doce
como de mel ou dor,
como de tempo inútil.
Imagens a gravar-se na memória
entorpecendo a dialéctica do amor.
Eis o recorde doce de umha queda.

Como umha carta aberta para a morte,
minha respiraçom
vai tanteando instintos,
abrindo alguns segundos em que se escondem tristes
pombos brancos com asas despregadas
Como abrindo gaiolas
em que guardamos máscaras com risos,
em que moram saltões
ou borboletas,
como saltando rãs sobre os estanques,
o meu tempo na terra,
minha passagem no caminho errado.

Saltárom farpas das palavras
mas eu fiquei com meu olhar de pedra
respirando o bafo preto em que me escondi
aquele dia.

Eu som o que apagou a borboleta.
As suas lindas asas
de cor vermelho e branco
-branco intenso-
fôrom-se polas maos para umha escura
sombra de perdiçom.
Perdi as palavras. Polo menos
perdi o poder de convocar os seres,
o que é quase dizer toda a linguagem.
Perdi também a música infinita.
Nom me ficou mais que um espaço
em branco, em que depois, com umha faca,
rasgarei meus inúteis garabatos.

Eu vi nascer da caracola o tempo
espirando-se em remoinhos
como pequenas tempestades - os segundos -
como revoluções caseiras feitas tinta,
e esvaecer-se logo
olvidados numa pétala amarela.
Eu vi depois o vento
navegando-se em flores
como abelhons de ferro numa nuvem.
Mas depois,
todo o objecto,
nem o sujeito, se transformou em nuvem.
Transparência da dor, zero absoluto.

Para um Olvido

Enchi
meu coração de olhos.
Depois deitei-nos fora
sem sabê-lo.
Foi o medo
que construiu o ruído
arrítmico,
o estrondo que apagou a olhada.
Havia
um fio para o objecto
desde os olhos.
Foi a morte que o cortou.
Agora o frio
fugiu Fugiu
para um olvido.